



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas

FERNANDO ARAÚJO BRITO

ARTE E PROJETO DE VIDA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: uma análise
sobre vivências educacionais

BRASÍLIA/DF

2023

FERNANDO ARAÚJO BRITO

**ARTE E PROJETO DE VIDA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS :uma análise sobre
vivências educacionais**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Cênicas, habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Cênicas do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Fabiana Marroni Della Giustina

BRASÍLIA/DF

2023

“Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cristina e Lourival, que sempre incentivaram, apoiaram e torceram pela minha educação. Pelo amor e exemplo de dedicação e força.

Aos meus irmãos, Davi, Gabriel e João por suas amáveis existências que ajudam dar sentido a tudo. Gratidão pela cumplicidade. Aos meus avós e tios que tanto amo.

A todos os mestres que conheci nessa trajetória, que apontaram caminhos artísticos, que olharam com cuidado essa experiência, colorindo com a entrega de suas vivências e sabedorias, cada momento que agora está guardado comigo, sei reconhecer o valor especial de cada uma.

A meus amigos, pela alegria das conexões, por cada encontro afetuoso e inspirador que ampliou perspectivas, os momentos preciosos de superação, as confissões que despertaram insights e emoções, a intensidade de ter os sonhos compartilhados e as andanças pela instituição que tornaram o convívio uma celebração.

Anos inesquecíveis, com memórias que estarão para sempre no meu coração. Muito foi aprendido sobre o mundo intelectual e sensível. Um processo de transformação que envolveu questionamentos desafiadores, com atos poéticos, lúdicos e corajosos. A vida foi recriada e aconteceu vibrante!

RESUMO

Os desafios no exercício da docência no ambiente escolar aumentaram devido aos impactos causados pela pandemia de Covid-19, mesmo com a retomada das atividades presenciais das aulas de artes, o desenvolvimento da comunicação entre docentes e discentes e os processos de aprendizagem encontram dificuldades diante das consequências do tempo de isolamento que deixou as salas de aula vazias. Esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre a utilização do projeto de vida no ensino de arte. A análise dos questionamentos e elaborações que surgem no processo de ensino de um arte-educador, no ensino fundamental maior (6º a 9º ano) em escola pública. No encontro de amparo em práticas educativas que utilizam metodologias-ativas como ferramenta pedagógica que corrobora para o aumento da qualidade dos processos de ensino-aprendizagem através do incentivo à autonomia e protagonismo do estudante, buscando uma reflexão através de observações colhidas no ambiente escolar durante o exercício da docência e estágios, onde foram ministradas aulas de artes na Escola CAP - Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – Brasília (Anos Iniciais) no segundo semestre de 2021, quando estávamos vivenciando a pandemia causada pela Covid-19 e seus impactos nas práticas educativas. E também na retomada das atividades presenciais na Escola Municipal Maria do Rosário (Anos Finais) – Localizada em Magalhães de Almeida, município brasileiro do estado do Maranhão, durante o ano de 2022. Metodologias ativas que promovem a motivação dos estudante a construir e encontrar sentido em seu projeto de vida, fortalecem o interesse nas aulas e reduzem a violências no ambiente escolar. Métodos que podem contribuir para uma boa saúde mental de alunos e professores.

Palavras-chave: Artes Cênicas, docência, educação e projeto de vida.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| 1. CAPÍTULO 1..... | 12 |
| 1.1. PROJETO DE VIDA E ARTE | 12 |
| 1.2. ARTE E CONHECIMENTO..... | 14 |
| 1.3. VIDA, ESCOLA E ARTE SE RENOVANDO..... | 15 |
| 2. CAPÍTULO 2..... | 17 |
| 2.1 ENSAIO ETNOGRÁFICO | 17 |
| 2.2.EXERCÍCIO CONTÍNUO..... | 19 |
| 2.3. RODA DOS SENTIMENTOS..... | 20 |
| 3. CAPÍTULO 3 | 22 |
| 3.1. EXPLORANDO PLANEJAMENTOS..... | 22 |
| 3.2. EXPERIMENTAR A BRINCADEIRA..... | 23 |
| 3.3.METODOLOGIAS PARA COMPREENSÃO DO UNIVERSO ARTÍSTICO..... | 24 |
| 4. CAPÍTULO 4..... | 27 |
| 4.1.RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS..... | 27 |
| 4.2.FAZER - CONTEXTUALIZAR..... | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 31 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 33 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------|----|
| Figura 1. Roda das emoções..... | 18 |
|---------------------------------|----|

INTRODUÇÃO

Fui criado no interior do nordeste, vivi durante a infância em Magalhães de Almeida - Maranhão, minhas recordações artísticas dessa época são as festas juninas, momento em que eram encenadas pequenas esquetes para compor as apresentações das quadrilhas, eu esperava com ânimo a chegada desse período do ano. Vivia imaginando como seria um teatro, até hoje a cidade não tem um.

Já a adolescência, passei em Oeiras, primeira capital do Piauí, onde pude finalmente conhecer e me apresentar por diversas vezes no Cine Teatro de Oeiras, um charmoso teatro construído na década de 40. Quando desembarquei em Brasília, trazia comigo uma vontade de desbravar um lugar que poderia nutrir meu desejo por arte em geral, especialmente as artes cênicas.

Imediatamente comecei a buscar os ambientes artísticos da capital, meus olhos sonhavam com encenações e ineditismo, ensaiando mentalmente a glória que seria pertencer a lugares em que pudesse apreciar e desenvolver minha visão sobre arte. Carregando fé no sagrado que é o fazer teatral. Queria lições e invocar perguntas incentivadoras, que poderiam provocar uma inspiração que me guiasse.

Eu olhei pela janela transparente das salas do departamento de artes cênicas da UnB quando ainda não era aluno e queria existir naquele espaço, senti a mente iluminada observando as apresentações, o tempo suspenso, tinha magia ali. Seria nesse espaço que aprenderia mais sobre como viver o amor que tenho pela arte. Chorei, o clichê da emoção tem todos os sentimentos do mundo e cabem também as estranhezas do ser. Inquietação. Voltei pra casa e olhava agora pela janela do ônibus a cidade que estava fria aquela noite, pelo caminho segui encantado com a arquitetura de Oscar Niemeyer, sonhar arte era pensar grande, imaginei.

Não queria descobrir apenas métodos, mas apreciar todas as experiências que poderiam aparecer no espaço acadêmico. Não existe palavra que defina o mar colorido da subjetividade. Cadernos cheios de anotações, pequenos mapas de recortes de escrituras e imagens simbólicas, lembranças de falas, tudo reflete em quem vamos nos tornando. Fica um aprendizado sobre como brincar com meu corpo, expor memórias, horas intermináveis de busca e observação sobre impulsos criativos. Analisando o passado para criar, ao mesmo tempo desapegar e se conectar no tempo presente, na ação viva. Se deixar provocar ativamente pelo que chega sem apresentar roteiros.

Encantado, anseio, planejo o próximo passo, a vontade de habitar, criar, renovar, jogar com os meus entendimentos. Quem sabe então não ser um delírio afirmar que podemos ser agentes de mudança com a arte. Treinar o olhar afiado, entender a lágrima, o sorriso, o ser angustiado, sedutor, a dualidade que envolve a criação de cena. Qual melhor modo de contar sobre o ator e suas colagens cênicas? Uma exposição de paradoxos, coleção de paixões.

O doce abraço da palavra encenada, a respiração calma, acelerada, passeando por dramaturgias. Escondendo e mostrando o coração cheio de coragem e medo. Procurar a aprovação de um mestre, do público, esquecer a necessidade de aprovação para criar novamente e recomeçar. São pensamentos da vida na arte. Um processo onde também entram o desânimo da espera do amadurecer de uma ideia e o fôlego para continuar.

Estamos estudando para entrar em ação, para cumprir o ato, enquanto se vive a fragilidade da vida, a ausência de certezas, tentando modificar caminhos, tornar tudo mais sábio. O curso seguiria com as previsões educacionais estabelecidas, mas a incapacidade de manter esse percurso muda quando surge a pandemia de Covid-19 e a dúvida surge forte roubando a cena.

Câmeras, computadores, celular, invenções, ciência e os incansáveis debates sobre mundo virtual passam a ser discutidos. Sem o corpo presente, apenas rostos, corpos fragmentados, outros jeitos de testar a expressão. Muitos medos ali escondidos, mas o show tem que continuar. O professor congela, o aluno é uma fotografia, a imagem do aluno em movimento é solicitada, alguém adoce, o aluno paralisa na tela, era uma dinâmica imprecisa que foi sendo ajustada e estudada.

Como dividir o foco entre saúde/sobrevivência e os estudos? Nada estava garantido. Foi assim. Muito ainda será avaliado sobre as memórias desse momento. Enquanto se tomava decisões relacionadas à pandemia, seguia intacto o questionamento que anseia insight: Para que serve a arte? Enquanto a resposta vai sendo escrita e reescrita, passeamos nas pesquisas científicas, poéticas, espirituais, entre outras, conspiramos de todo modo sobre as feitura artísticas. Sondamos estéticas, textos, técnicas, beleza, conexões, lucidez, palcos e rituais. Internalizando conhecimentos que reunidos são entendimentos bordados no pensamento.

Durante minha experiência como aluno e docente fui atravessado por acontecimentos que me deixaram inquieto e em constante busca pela expansão do pensamento, entrando em contato com inúmeras expressões culturais e perspectivas sobre a trajetória humana. Descobri uma variedade de enredos inspiradores, que me influenciaram a

contemplar saberes, desenvolver uma visão crítica sobre arte-educação e assim receber e transmitir conhecimento acreditando na força intelectual das linguagens artísticas.

Pesquisar sobre arte é estudar a capacidade de se reinventar, de expor nossos desejos investigando sentidos, aprendendo a traçar sempre novos rumos para expressar posicionamentos com clareza, manifestar sentimentos e aprendizados com domínio e convicção.

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemático, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. (BARBOSA, 1991, p.32)

Os procedimentos de ensino ajudam a criar um espaço educativo, permitindo que a comunicação aconteça, contribuindo para a quebra de bloqueios que impedem diálogos, provocando a expansão de ideias. Com uma escuta atenta, observamos e registramos maneiras concebíveis de promover e estudar arte. Esse trabalho se concentra em desenvolver uma relação entre as demandas do cotidiano de um educador para alcançar bons resultados enquanto partilha conhecimento. Estudo caminhos apontados por teóricos da arte e da educação como ferramentas para ampliar o repertório de atividades que direcionam para o desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes.

No livro “Pedagogia do Teatro, prática, teoria e trajetórias de formação docente”, Luninéia Contiero, uma das organizadoras, cita os benefícios de uma boa prática pedagógica: "O ensino de Arte/Teatro se firma na expectativa de ver o aluno se aperfeiçoar e se enriquecer de suas experiências artísticas e estéticas edificando progressivamente uma identidade orientada para a participação criativa e responsável na sociedade. Espera-se formar um aluno que participe da história, que seja protagonista das escolhas profissionais, culturais e educacionais que realiza no presente e no futuro, com compromisso social e ético".

O fazer artístico cria um ambiente onde se pode ser um observador aberto a descobrir e explorar nossa subjetividade, interrogando discursos, indicando interpretações que nutrem a alma, promovem olhares sensíveis, exploram o passado, os rumos da sociedade e suas decisões. A arte gera consequências tanto pra quem entra em contato com ela diretamente ou indiretamente.

Tanto as experiências artísticas como as práticas docentes em sala de aula são experiências únicas tanto para o emissor como para o receptor das mensagens, por isso é tão enriquecedor a escuta mútua entre professor e alunos. Memórias estão sendo construídas,

valores discutidos e alimentando a mente com percepções diversas. A arte pode proporcionar o empoderamento do nosso modo de pensar.

Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, escreve sobre medidas para que as práticas docentes, consigam alcançar êxito, dando ênfase ao valor de formar opinião baseada em pensamento crítico. A produção de conhecimento é constante e não adianta ficar paralisado em uma ideia, é necessário buscar relacionar o que se aprende nos livros com a vida ao redor, fazer questionamentos, a novidade surge do diálogo e da pesquisa. Ele escreve:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 2011, p. 23)

A educação fortalece o olhar sobre a vida, como um fio condutor que leva a uma pluralidade de propósitos. Quando suscitamos dúvidas somos instigados a buscar sentidos, e é na dança das perguntas com a curiosidade, que podemos entender complexidades. O educador reforça que a criatividade, se desenvolve a partir da busca de elaborações para entender o mundo. O professor tem papel fundamental quando apresenta ideias que motivem um pensamento analítico, indispensável para gerar a autonomia do aluno e que procure:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (FREIRE, 2011, p. 26)

O pedagogo, colabora para o cultivo de discursos baseados em reflexões carregadas de profundidade. Engaja sobre a importância de não executar nenhuma prática preconceituosa, que insulte alguém por sua classe, raça e gênero. Que a educação seja inclusiva, com ações que promovam questionamentos sobre contextos históricos e sociais em

um processo dialético que promova uma argumentação segura e desenvolva a autoconfiança dos alunos.

1. CAPÍTULO 1

1.1. PROJETO DE VIDA E ARTE

"A arte é um rio cujas águas profundas irrigam a humanidade com um saber outro que não o estritamente intelectual, e que diz respeito à interioridade de cada ser."

Ana Mae Barbosa

Falar sobre como vidas podem ser transformadas pela arte nos coloca em uma trilha que direciona para o clarear das ideias, sobre como as relações humanas são fontes de informação para adquirir nosso protagonismo na vida. Somos atraídos por conhecimentos que envolvem a ética e os propósitos de vida. Na medida em que vamos dialogando com diversas culturas e evoluindo a maneira de pensar, nossa personalidade ganha mais autenticidade nesse constante processo de autodesenvolvimento.

A soma de tudo que já experimentamos nos faz únicos, fixar os olhos na história do outro é um convite para cultivar a beleza da relação do homem com o mundo. O conhecimento que surge da troca com o outro pode produzir afetividade e ajuda a nortear uma jornada mais esperançosa para os indivíduos. Sobre o assunto, o autor José Moran em *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*, comenta:

O projeto de vida é um componente curricular transversal importante, que visa a promover a convergência, de um lado, entre os interesses e paixões de cada aluno e, de outro, entre seus talentos, história e contexto. Estimula-se a busca de trilhas de vida com significado útil pessoal e socialmente e, como consequência, pretende-se ampliar a motivação profunda para aprender e evoluir em todas as dimensões. São trilhas pessoais de vida porque elas se refazem, redefinem, modificam com o tempo. Não são roteiros fechados, mas abertos, adaptados às necessidades de cada um. São projetos porque estão em construção e têm dinâmicas que ajudam a rever o passado, a situar-se no presente e a projetar algumas dimensões do futuro. (BACICH, MORAN, 2017).

Carregamos uma história particular, desejos, crenças e percepções que quando expressadas artisticamente confirmam como a arte acolhe as diferenças. A arte nos faz reparar e se encantar com as diversas maneiras de existência possíveis. Refletir sobre as histórias humanas é essencial para nosso desenvolvimento e impulsionados pelos desejos artísticos fazemos isso de um jeito que nos aproxima das experiências narradas pela humanidade, compreendendo-as racionalmente e emocionalmente.

O papel do educador na construção do projeto de vida acontece diante de caminhos previsíveis e imprevisíveis, reconhecer isso possibilita uma formação colaborativa, compreendendo múltiplas identidades e acolhendo diferenças.

Os projetos de vida olham para o passado (história) de cada aluno, para o seu contexto atual e para as suas expectativas futuras. Isso pode ser trabalhado com a metodologia de design, focando a empatia, a criação de ambientes afetivos e de confiança, nos quais cada aluno pode expressar-se e contar seu percurso, suas dificuldades, seus medos, suas expectativas e ser orientado para encontrar uma vida com significado e desenhar seu projeto de futuro. A arte auxilia no processo fruto de uma reflexão, um sentimento, um estudo, uma inspiração, subjetividades que se manifestam para gerar empatia, conhecimento, percepções, nos conectando com a sensibilidade alheia e despertando a nossa. Quando a arte consegue nos tocar saímos transformados, atentos e avançamos no entendimento da pluralidade artística. (BACICH, MORAN, 2018).

Diante das dificuldades que a escola vive, pensar no projeto de vida é uma saída para recuperar o interesse dos alunos pela educação. Um educador pode ajudar no entendimento dessas camadas da vida. Orientar sobre o autocuidado para provocar uma transformação e evitar a repetição de um padrão de comportamento que alimente limitações, medos e insegurança dos alunos.

Segundo a BNCC, o estudante deve ser estimulado a protagonizar de forma autêntica a construção do projeto de vida, que servirá como suporte para viabilização de práticas integradas desenvolvidas pela escola. Quando encontramos um aluno sem estímulo podemos facilmente confundir com desinteresse, falta de compromisso, é inevitável uma leitura rápida sobre o caso, ainda que estejamos atentos às questões sociais, emocionais e de saúde mental. É preciso encontrar a oportunidade para que o diálogo aconteça e traçar planos para um alinhamento de metas educacionais.

É preciso falar e entender as posturas e realidades de cada um, não deixar a comunicação cair no automático. A urgência por um resultado pode criar barreiras e gerar uma distância entre o aluno e sua possível retomada a uma participação encantada, percorrendo o caminho da busca por evolução e aprendizado com brilho nos olhos. Temos que conversar sobre a vulnerabilidade, enxergar a si mesmo e o outro com respeito, buscando

conectar as emoções, entendendo as escolhas, encontrando na troca a aceitação necessária para gerar autoestima e despertar a curiosidade pelos processos artísticos. A arte é fonte de mensagens que despertam a consciência enquanto se ilumina com o lúdico. Temos que testar caminhos para descobrir qual se encaixa com nosso propósito de vida.

1.2. ARTE E CONHECIMENTO

Entrar em contato com a arte possibilita abrir caminhos para perspectivas diversas sobre a vida, entendimentos e observações que ajudam a compreender nossa sociedade e como sua história afeta nossas escolhas. Com uma visão crítica desses acontecimentos podemos entender melhor o que acontece ao nosso redor. Contar histórias e impressões que relatam como a arte pode inspirar e transformar vidas é crucial para reforçar a necessidade de tratar o tema com atenção, respeito e motivar pessoas a experimentarem esse caminho de busca sensível e reflexiva. Criar conexões para conectar inúmeros entendimentos sobre a vida.

Nosso crescimento emocional e mental está ligado diretamente a entendimentos que fazemos das diversas crenças e discursos que vamos encontrando, é a atenção que damos a essas percepções que apontam o rumo da nossa andança, vamos moldando nosso comportamento seguindo as práticas que decidimos exercitar. A arte tem a capacidade de revelar as camadas que uma história oferece, propõe uma imersão questionadora sobre os conceitos de múltiplos temas, direciona para uma exploração sobre sentimentos e ideologias, mas não é tão simples defini-la.

Jorge Coli, professor em História da Arte e da História da Cultura, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em seu livro *O que é Arte*, expõe sobre a complexidade que é estabelecer um conceito único sobre arte, ele problematiza o objeto artístico, as percepções amplas que uma criação de arte envolve, conta que requer um desbravamento de perspectivas sociais, motivacionais, históricas, culturais, que examinam o tempo em que a obra está inserida e tornam o julgamento de valor uma narrativa que necessita de discernimento. Sobre o assunto, o autor diz que:

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. Desse ponto de vista, a empresa é desencorajadora: o esteta francês Étienne Gilson, num

livro notável, Introdução às Artes do Belo, diz que "não se pode ler uma história das filosofias da arte sem se sentir um desejo irresistível de ir fazer outra coisa", tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza da arte. Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contato com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou de artistas, ficaremos certamente satisfeitos. (COLI, 1995, p. 03)

Cada obra artística que entramos em contato tem sua particularidade, a individualidade de cada artista, suas impressões, com suas características únicas que ajudam a perceber o traço especial que cada criação carrega. Mesmo quando as motivações dos criadores são parecidas, o resultado final nunca é, são expressões de subjetividade e colaboram para construção de registros sobre identidades sociais e culturais.

Todos sabemos que a Mona Lisa, que a Nona Sinfonia de Beethoven, que a Divina Comédia, que Guernica de Picasso ou o Davi de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo "arte" (a palavra cultura é empregada não no sentido de um aprimoramento individual do espírito, mas do "conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade", para darmos a palavra ao Novo Aurélio). (COLI, 1995, p. 04)

Conhecer a diversidade da humanidade, entender os elementos da linguagem de um fenômeno cultural, aprofunda conexões que ampliam nossa capacidade cognitiva, impressões que ajudam a fruir diante das manifestações artísticas, despertando a imaginação e possibilitando o nascimento de um discurso mais rico sobre a grandiosidade da arte e seus princípios conceituais.

1.3. VIDA, ESCOLA E ARTE SE RENOVANDO

Com a pandemia de Covid-19, o universo escolar ganhou uma nova cara, o ensino passou por transformações, foi preciso observar o mundo à nossa volta com os devidos cuidados e compreender como seria possível levar o ensino aos estudantes, aliando as práticas já conhecidas às ferramentas tecnológicas. Diante de um cenário novo e que afetou para sempre o caminho que a educação irá percorrer daqui pra frente. As aulas retornaram virtuais para a disciplina de Estágio II na Escola CAP - Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – Brasília (Anos Iniciais) no segundo semestre de 2021.

O cenário escolar mudou e as modalidades de ensino passaram a ser questionadas e analisadas. A experiência do ensino a distância fez perceber que muito foi discutido, mas que ainda é necessário esclarecimentos, as teorias sobre as práticas tradicionais pediram reparos com a realidade que se apresentou e exigiu urgência, pedindo mudanças.

Muitos discursos surgiram para organizar sobre as tentativas que foram e seguem sendo executadas. O ensino híbrido ganha evidência, induzindo a busca pela participação da comunidade em geral para que a comunicação escolar favoreça uma educação eficaz, com qualidade e que investigue potenciais que abram portas para novos diálogos. O que antes era uma conversa mais recorrente no meio escolar, entrou na casa da sociedade.

José Moran, Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor e pesquisador de inovações nos cursos híbridos e on-line, escreve no livro *Ensino híbrido: personalização e tecnologia da educação*, sobre o ensino híbrido e a inovação que o método traz para redirecionar caminhos educacionais, inspirado na possibilidade de interações, mesmo diante de desafios.

Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com sabores muito diferentes. (MORAN, 2015, Pág. 20)

Como consequência dos avanços tecnológicos, vivemos em um turbilhão de informações, é fundamental construir assimilações corretas e fugir do imediatismo que compromete e confunde quando entramos em contato com alguma novidade. Muitos acompanhamentos sobre o tema estão sendo elaborados constantemente e isso ajudará na criação de ambientes cada vez mais adaptados para uma educação digital que transmita credibilidade. Toda experiência conduz para a construção da nossa educação, por isso é necessário o diálogo cuidadoso sobre nossas escolhas já que são essas relações que determinam o futuro. Sobre processos educativos, o professor expressa:

A educação é um processo de desenvolvimento humano que ocorre na aprendizagem 360 graus: uma aprendizagem ampla, integrada, desafiadora. No mundo complexo de hoje, a escola precisa ser pluralista, mostrando visões, formas de viver e diferentes possibilidades de realização pessoal, profissional e social, que nos ajudem a evoluir sempre mais na compreensão, vivência e prática cognitiva, emotiva, ética e de liberdade. Aprender é um processo ativo e progressivo. Como disse Peter Senger (2006): “Aprender é

se tornar capaz de fazer o que antes não conseguíamos”. É desenvolver um conjunto integrado de competências de aprender a conhecer, a conviver, a ser e a agir. A comunicação aberta, em múltiplas redes, é um componente-chave para a aprendizagem significativa, pelas possibilidades de acesso, troca, recombinação de ideias, experiências e sínteses. O desafio da escola é capacitar o aluno a dar sentido às coisas, compreendê-las e contextualizá-las em uma visão mais integradora, ampla, ligada à sua vida. (MORAN,2015, pág. 22)

Faz parte do meio escolar elaborar caminhos para alcançar o conhecimento, mas também compreender fenômenos diversos que atravessam o cotidiano dos alunos e que interferem no desempenho dos estudantes. Para Libâneo, o ensino se adapta às mudanças do mundo, sendo necessário que a escola deve oferecer acesso à informação, cultura e instrução de qualidade, onde a percepção da realidade do estudante, sua capacidade de compreensão e leitura de mundo, além de sua experiência e conhecimento prévio sejam valorizados.

2. CAPÍTULO 2

2.1 ENSAIO ETNOGRÁFICO

-Realizado a partir de observações feitas na Escola CAP - Comunidade de Aprendizagem do Paranoá – Brasília (Anos Iniciais) no segundo semestre de 2021.

O estágio foi essencial para o amadurecimento do meu entendimento sobre o universo escolar, pude conhecer mais sobre a execução dos planejamentos de aula, ampliar minha visão pedagógica relacionando teoria e prática. A experiência me aproximou das dificuldades, complexidades da tarefa de ensinar e refletir sobre o poder transformador da educação.

Durante o estágio acompanhei três turmas de anos iniciais do ensino fundamental, pude observar o desenvolvimento das aulas e comparar o formato remoto com o modelo tradicional, entendendo as possibilidades de cada maneira de educar. Nas aulas remotas foi curioso perceber o comportamento dos alunos experimentando as particularidades dessa troca virtual.

Entrar em uma sala de aula ainda que virtual é como entrar na casa de alguém que acabamos de conhecer, ficamos atentos ao que os donos da casa têm para nos apresentar e vamos conhecendo mais sobre as características do ambiente. À medida que observamos o

comportamento e a comunicação que vai acontecendo, histórias são reveladas sobre perspectivas da educação e do contexto que nos encontramos. Aos poucos surge uma relação gradativa com a turma que revela suas particularidades.

Com a pandemia a sala de aula ganhou novas características, não existe mais o olho no olho presencial, os poucos alunos que ligam suas câmeras fazem isso em raros momentos e desligam rapidamente, quando decidem são convidados para uma participação. Muitos são tímidos, outros alegam a falta de equipamentos tecnológicos de boa qualidade, impossibilitando a comunicação. É louvável que o encontro aconteça em um momento tão delicado para a sociedade, mas ainda é distante das experiências se compararmos ao antigo formato. Momento em que as práticas educativas virtuais acontecem com atmosfera de teste.

Professor e aluno acabam ficando mais contidos, as palavras são usadas com cuidado e calma. Vez ou outra os alunos interagem com algum familiar e a qualquer momento uma interrupção pode acontecer, as aulas estão sendo gravadas e isso gera uma atenção especial ao que está sendo dito. Eu me questiono se isso compromete a espontaneidade da troca, acredito que exista um impacto na corporeidade diante de uma troca que pode ser revisitada com gravações.

Enquanto acompanhamos as aulas acontecendo vamos percebendo quais técnicas de ensino funcionam melhor, o que pode ser acrescentado ou aperfeiçoado para garantir bons resultados nas práticas pedagógicas. No ato de observar, cada detalhe se torna importante diante dos olhos. Existe uma transformação em curso, afinal essa conexão acontece fora do habitual ambiente escolar, abrindo um pouco da intimidade de suas casas e enquanto as aulas aconteciam algumas interferências surgiam a partir da dinâmica de cada lar. Era comum um pai ou mãe aparece fazendo alguma pergunta, orientando o filho sobre algo ou até mesmo fazendo reclamações.

Acompanhar as aulas nos deixava próximo da realidade das escolas, que naquele momento estavam com portões fechados. Sabemos que quando vamos colocar em prática o que aprendemos na teoria nem tudo sai exatamente como elaborado, mas o processo é rico para desvendar sobre o comprometimento necessário para cumprir a função professor, ainda que de maneira remota.

É muito válido perceber os momentos em que os alunos se sentem confortáveis para participar da aula, como mudar o clima de uma aula, principalmente quando relacionam o assunto que está sendo debatido com uma experiência pessoal, isso acontece em momentos pontuais, mas sempre relevante para quem observa. A ausência da presença física paira no ar

como uma pergunta constante: como seria essa prática ou compartilhamento se estivesse acontecendo presencialmente?

A falha na comunicação é sempre sentida, quase sempre algum aluno reclama da sua conexão com a internet ou algum problema no aparelho que está utilizando para acompanhar a aula. Em muitos momentos o professor repete falas diante de supostos problemas tecnológicos de alguns alunos. Nesses momentos acabei refletindo sobre o exercício da paciência necessária para repetir a mesma coisa várias vezes. O cuidado que se deve ter nesses momentos e as técnicas utilizadas pelo professor para manter o equilíbrio e andamento da aula, uma saída foi pedir para que os alunos anotassem suas dúvidas para que fossem compartilhadas no final da aula.

2.2. EXERCÍCIO CONTÍNUO

O estágio me fez refletir sobre a importância de reparar nos detalhes, sobre a beleza e problemáticas da carreira docente. A valiosa troca entre professor e aluno, a esperança depositada na educação é vista tanto na dedicação do professor como nas palavras entusiasmadas e sensíveis dos alunos quando demonstram estar buscando entendimentos, crescimento pessoal, almejando um futuro promissor e depositando esperanças na educação.

O estágio remoto acaba sendo limitado em muitos aspectos, não estamos na escola vivenciando o ambiente, sentindo a presença dos alunos, suas atitudes, necessidades e questionamentos que seriam mais calorosos e certamente carregados de sentimentos e informações que deixariam o processo mais múltiplo de sentidos.

Acompanhar uma turma é como sentir um processo criativo ganhando forma. As imagens e vozes dos alunos surgem e desaparecem da tela. Essa oscilação impede definições claras sobre esse processo, evidencia uma busca acontecendo, uma conexão que ascende e apaga. Nesses momentos a perspectiva de Paulo Freire sobre o novo e o velho faz refletir sobre como mesmo diante das novidades, práticas antigas podem continuar fazendo sentido:

“É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.” (FREIRE, 2011, p. 28)

As reformas educacionais ganham novas discursões por conta de tantas inovações, argumentos e da diversidade cultural dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Cada grupo social tem apresentado sua realidade, suas limitações e a busca por um ensino competente e consciente da desigualdade que atinge nosso país.

É importante estabelecer atividades para que a comunidade escolar dialogue sobre a eficácia das medidas adotadas para articular a construção do conhecimento e que limitações também podem surgir. Entender dinâmicas que possam deixar o ambiente escolar mais leve e acolhedor, desbravando o mundo virtual que agora também pode ser um aliado.

2.3. RODA DOS SENTIMENTOS

Intitulada Roda dos Sentimentos, é uma prática desenvolvida pela escola para manter um diálogo sobre o andamento das atividades escolares, impressões dos alunos sobre vida escolar e sentimentos dos mesmos em relação a vida em geral através de conversas, leituras de livros e jogos. Durante a atividade os alunos conversam sobre que sentimento estão trazendo para aula e assim começar um diálogo sobre entendimento da diversidade de emoções que cada pessoa carrega.

Figura 1. Roda das emoções



Fonte: Disponível em <<https://www.bmbterapeuticos.com.br/produto/roda-das-emocoes-uso-profissional/>>. Acesso em 27 out. de 2023.

As leituras propostas sempre trazem reflexões sobre como superar o medo, a paciência que se deve ter para atravessar momentos delicados da vida, respeito ao próximo e jogos que estimulam conversas que procuram entendimentos sobre dúvidas de caráter emocional. Durante os encontros é oferecido o espaço para que cada um exponha suas observações sobre as atividades desenvolvidas na escola. Compartilham histórias que sentem desejo de comunicar, assim um canal de comunicação se estabelece, contribuindo para quebra de bloqueios e uma escuta atenta sobre o que cada um tem a dizer, e aprender com as narrativas dos colegas.

É possível observar como uma leitura que mesmo considerada simples para um adulto pode motivar e gerar tanto ânimo e curiosidade em uma criança. Ao longo dos encontros elas começam a ficar cada vez mais participativas e é nítido ver o crescimento da alegria em estar presente.

Em *Arte, Afeto e Educação: A sensibilidade na ação pedagógica*, Marly Meira e Silvia Pillotto, revelam as motivações provocadas pelo afeto nas atividades educacionais. Mobilizam para chamar a atenção para experimentações que permitam a construções cognitivas despertadas pela afetividade.

O professor, como o artista, ou como artista-professor, é um mostrador de afetos, um provocador de afetos. O afeto é o primeiro sinal de que o professor está se dando bem ou mal como que faz ou com o que se propõe a fazer, porque é um mapa sensível do que acontece em aula, com o que chega e sai dela, transmutado em valor para a vida pessoal e social. (MEIRA e PILLOTTO, 2010, p.11)

Cada pessoa carrega sua individualidade, fruto da educação adquirida, vivências, uma reunião de experiências acumuladas ao longo da vida, responsável por nos tornar quem somos. Investigar a construção de nossas motivações é dar espaço para entender a diversidade.

Remetendo-nos ao contexto educacional, podemos revisitar alguns exemplos que possivelmente todos nós já vivenciamos. Ao planejar nossas aulas, é necessário ter flexibilidade sempre, pois problemas levantados e questões expostas pelos estudantes podem modificar a trajetória daquilo que estava traçado. Para isso, é preciso ter coragem, disponibilidade, autenticidade e

perspicácia. É abrir novos espaços sem perder de vista a essência proposta do objeto a ser estudado. Mais que isso é estarmos dispostos a criar vínculos afetivos que nos auxiliarão nos processos de "ensina e aprender". Quando o professor é aberto à vida e receptivo às novas experiências, quando é capaz de diferenciar-se e reintegrar-se, de amadurecer e crescer, terá condições para amar e ser amado, possibilitando esses mesmos sentimentos aos estudantes. (MEIRA e PILLOTTO, 2010, p.29)

É preciso buscar entender o caminho do outro, perceber em que momento nasce o conhecimento e como se relaciona com os sentimentos. Contemplar a fruição faz surgir uma criatividade que questiona padrões, bloqueios e inseguranças, dando vez a um protagonismo de um ser mais consciente, que acredita no potencial de cada um, tanto na área profissional como pessoal.

Os alunos começam a participar ativamente, em alguns momentos a necessidade de falar é muito forte e eles começam a falar de maneira rápida e misturando histórias pessoais que aparentemente não contribuem para o todo, mas é preciso respeitar e saber conduzir, pois tudo é válido quando se trata de crianças mostrando que os estímulos estão gerando coragem de articular e mostrar suas ideias ainda em fase de organização.

Os momentos são cheios de troca, o sorriso que revela a atenção, a participação que busca um envolvimento cada vez mais firme é um ganho. Durante o encontro participam a psicóloga da escola, professor e estagiários. Cada um participa da conversa e faz interferência se achar necessário. Entrando no universo infantil para que as crianças se sintam cada vez mais soltas e incluídas.

3. CAPÍTULO 3

3.1. EXPLORANDO PLANEJAMENTOS

“A condição humana deveria ser o objeto essencial de todo ensino. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, é não separá-lo dele. Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. "Quem somos?" é inseparável de "onde estamos?", "de onde viemos?" e "para onde vamos?". Conheceré aprender novos caminhos, para poder agir de maneira diferente no caminho de viver mais livremente.”

Moran

José M.

Elaborar um planejamento requer cuidado, conhecimento, atenção e abertura para a novidade que se apresenta a cada dia. A sociedade está sempre passando por mudanças,

diariamente somos atravessados por sentimentos diversos, executar um plano educacional exige concentração, equilíbrio e aceitação.

Devemos entender que toda a comunidade escolar participa de maneira diferente e que cada dia é uma possibilidade de aprendizado e observação. As trocas nos permitem aprender com as surpresas que o outro nos traz, seja com uma informação científica ou com uma vivência.

Estamos sempre lidando com o tempo, tentando aproveitá-lo da melhor maneira, cumprindo metas, prazos e tenta mostrar habilidade no ato de entregar conhecimento, mas é preciso valorizar a escuta e um planejamento adequado busca dar espaço ao que todos sentem vontade de falar. O envolvimento é crucial para a educação, pois gera o sentimento de pertencimento.

Muitas vezes também somos surpreendidos, algumas práticas parecem funcionar mais que outras e isso nos mostra que na teoria algumas atividades podem parecer potencialmente atrativas, mas esse encantamento pode não acontecer quando ela é executada. Experimentar saídas é primordial para que alguns elementos educacionais consigam ser aproveitados. Criatividade e improvisação contam muito nesse momento.

O educador revela, na hora em que entra em contato com o aluno, mesmo que não fale, pela postura, pelo olhar, pela inflexão de voz, em que estágio de desenvolvimento e aprendizagem se encontra. Revelamos o que aprendemos realmente. Temos um currículo oficial, no qual colocamos nossos cursos, tudo que fizemos. Isso é uma parte da nossa história, que revelamos quando buscamos um emprego. Mas há um outro currículo, que se chama de aprendizagem de vida, que mostra, quando falamos, pela forma como nos expressamos, pelas ideias que comunicamos, o que realmente aprendemos. (MORAN,2007, p. 49)

É possível alcançar bons resultados quando aceitamos a opinião dos alunos, propondo participação e espaço para que eles também tragam suas experiências e sugestões. No livro A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá, o doutor em ciências da comunicação José Manuel Moran, comenta sobre como a postura do professor e sua visão de mundo comunica e afeta os alunos:

3.2. EXPERIMENTAR A BRINCADEIRA!

"A arte é a imaginação jogando no campo do tempo. Deixe-se jogar."
Julia Cameron

O convite para participação dos alunos na oficina de jogos teatrais anunciava: Chegou a hora de aprender novos jogos e descobrir que através da brincadeira também é possível aprender sobre diversos assuntos. Com os jogos teatrais vamos conhecer algumas dicas de interpretação, concentração e como se preparar antes de realizar uma cena. Tudo de maneira divertida. Praticar atividades artísticas ajudam a desenvolver nossa criatividade, foco e a valorizar os trabalhos feitos em grupo. Brincando também conseguimos apreciar a vida, as relações e nossa conexão com o mundo de maneira produtiva, inteligente e sensível.

Os jogos teatrais possuem funções pedagógicas, pois auxiliam no desenvolvimento dos processos cognitivos. É uma prática que ajuda a ampliar nossas percepções sobre nossos corpos, estimulando os alunos a pesquisar suas memórias e emoções. Jogar provoca o aluno a pensar com foco em uma alternativa para cumprir o desafio que foi lançado, investigando formas de executar uma ideia, criando interações e conexões entre corpo e mente.

Quando os jogos propostos não são individuais, eles contribuem intensamente para o desenvolvimento do espírito de coletividade, proporcionando momentos em que é possível trabalhar a inclusão e aceitação. Para Almeida, *et al*, os educadores são considerados instrumentos mediadores de aprendizagem, bem como a mediação semiótica, que está relacionada a interiorização do mundo que o estudante constrói ao longo da vida através do grupo social, cultura e família a qual ele foi mediado. Essas atividades que envolvem grupos fazem com que os alunos desenvolvam as suas relações, lidando com as diferenças durante as interações e conduzindo o processo de amadurecimento individual.

É fundamental encontrar um ritmo que seja confortável para a turma, entender que cada aluno tem seu tempo e buscar incluir todos nas dinâmicas, respeitando as observações e maneiras de aprender que cada um desenvolve. Ensinar os alunos que é possível aprender enquanto se brinca é uma forma de dizer que estudar pode ser sinônimo de alegria, que se pode evoluir enquanto se experimenta uma experiência nova. Informando como é relevante para nossa vida realizar atividade em grupo, criando relações saudáveis na medida em que se aprende e troca informações com outros indivíduos.

3.3. METODOLOGIAS PARA A COMPREENSÃO DO UNIVERSO ARTÍSTICO

Viola Spolin, criadora do método do teatro improvisacional, a autora nasceu em Chicago, foi professora e diretora de teatro. Ela desenvolveu jogos teatrais, escreveu muitos

textos sobre improvisação e se tornou um nome importante do teatro mundial. Viola defende o aprendizado a partir dos jogos teatrais que são uma fonte para uma imaginação criadora.

Augusto Boal, teatrólogo brasileiro, criou o Teatro do Oprimido, método teatral que junta jogos, técnicas teatrais e exercícios que trabalham a importância da inclusão social. O dramaturgo ficou conhecido mundialmente com sua técnica que relaciona a linguagem teatral com a linguagem utilizada no cotidiano, acreditando na expansão do ser humano e do seu entendimento sobre o mundo.

A metodologia que se aplica ao realizar os jogos direciona para a liberdade de expressão, estimula a criação em ambientes diversos. A brincadeira entre realidade e fantasia estimula uma prática onde é possível transformar o que imaginamos em realidade, pois a aprendizagem está intimamente atrelada a estímulos que o ambiente pode oferecer e adaptar-se a eles, passando por fases de amadurecimento no decorrer da vida até formar um aprendizado mais integrado (PULASKI, 1980). Ao promover atividades em que é possível observar o outro se expressar com elementos de sua realidade, comunicando e revelando suas vivências, estamos dando mais um passo importante para alcançar uma educação que garanta respeito e empatia.

Jogar coloca os alunos em movimento e contribui para liberdade que é poder vencer a timidez que muitos apresentam, o medo do olhar do outro, proporciona o autoconhecimento e formação de valores éticos. Jogar é exercitar a tolerância ao ter que se adequar ao tempo do outro. Revela como nossas memórias guardadas podem ser utilizadas para criar o tempo todo, desenvolvendo assim inteligência emocional. Pensar no desenvolvimento de uma ação, elaborando com a voz, corpo, espaço e memórias ao manifestar uma ideia, oferece uma possibilidade de transformação em nossa maneira de pensar, ampliando com ludicidade a expressividade.

As propostas trabalhadas em sala de aula estimulam os alunos em níveis diferentes, algumas atividades conseguem envolver um grupo mais que outro, os estudantes quando instigados são capazes de apresentar suas ideias de maneira criativa, outros preferem observar, mas o silêncio não significa necessariamente ausência de entendimento e evolução. A formação de cada aluno é particular, tem um tempo específico, gerada por conexões que não tem interrupções.

Os jogos teatrais e as rodas de conversa são exemplos de atividades que buscam atrair a participação dos estudantes, são ferramentas para cultivar e fortalecer os diálogos em sala de aula. Quando a comunicação acontece, abrimos espaço para uma educação

promissora surgir. A inovação nasce onde existe desejo de criar e experimentar sem bloqueios, valorizando as expressões de cada um.

Alguns jogos experimentados:

Os jogos experimentados foram coletados, vivenciados nas trocas entre professores e alunos ao longo do curso e adaptados durante meus estágios I e II do curso de Artes Cênicas. Trabalhavam corpo, gestos, movimento e conseqüentemente podem despertar a mente sobre a sobre a consciência corporal. Os encontros sempre iniciados com exercícios de respiração e percepção corporal. Buscando observar a respiração para entrar em um estado de concentração.

Corpo - Trabalhar o relaxamento do corpo realizando alongamentos, exercitar a musculatura do rosto brincando de criar imitações de situações diversas, propondo de acordo com a idade dos alunos.

Som - Observar os sons do ambiente, com os fechados durante um minuto, captando o silêncio ou barulho que existe no espaço. E assim realizar os exercícios com melhor entendimento do ambiente.

Improvisar gera movimento

Bola invisível – O jogador imagina ter uma bola nas mãos e vai modificando o formato da bola, passa a bola para outro participante e assim a bola vai se transformando.

Resinificando objetos – Procurar qualquer objeto e criar uma interação que estimule a imaginação, uma conversa, uma comunicação que dê vida ao objeto, fantasiar para inventar uma narrativa.

Corda bamba – Os jogadores devem imaginar que estão caminhando em uma corda bamba e assim criar uma movimentação que vai trabalhar o equilíbrio e desequilíbrio. Improvisar que está caminhando bem e em outros momentos que está inseguro na corda.

Mudando a história- Um jogador inicia contando uma história que será modificada quando o professor bater palma. Outro jogador vai dar continuidade para a história. Sugestões: Contar utilizando movimentação corporal e gesticulações.

Faces- Os alunos escolhem uma frase e tem que mudar a maneira que estão lendo. Uma vez lenta e outra de maneira bem rápida. Depois ler de uma maneira triste e outra de

forma alegre. O exercício traz a possibilidade de expressar as múltiplas linguagens que são possíveis para uma leitura.

Brincando de cantar- Os jogadores escolhem um trecho de uma música para cantar, quando o mediador bater palma o participante tem que mudar alguma coisa na música, com liberdade pra modificar o ritmo, a velocidade, a letra, e assim testar as potencialidades criativas de trabalhar voz e som.

Superpoder – Utilizando o corpo e a voz o participante irá criar um superpoder, depois vai escolher outro jogador que vai transformar o superpoder, aumentando ou diminuindo a intensidade da ação.

Preso- Nessa situação o jogador imagina que está dentro de um elevador ou quarto e quando chega o momento de sair descobre que a porta está fechada. Agora é o momento de improvisar maneiras de sair do lugar. O que vale é soltar a imaginação e gerar situações divertidas diante do desconforto de estar preso.

Repetir para criar

Para seguir aprendendo e aproveitando a diversão que os jogos proporcionam é indicado refazer um pequeno ritual de preparação, perguntando aos alunos o que eles lembram/consideram essencial para garantir a concentração e o foco antes dos jogos.

Testando a memória – Perguntar qual jogo gostariam de repetir e no final da atividade dialogar sobre como a prática, a repetição com atenção e envolvimento pode contribuir para o aperfeiçoamento de nossas habilidades.

4. CAPÍTULO 4

4.1. A RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS

Depois de um período carregado de incertezas e transformações, muito se questionava sobre o percurso mais adequado para a retomada das aulas presenciais. Qual seria a melhor maneira de retomar as atividades escolares depois do momento mais crítico da pandemia ter encerrado? Perguntas assim motivaram uma busca por entendimentos sobre a eficiência da vida escolar.

Durante o ano de 2022 foi possível acompanhar o reflexo da pandemia na vida dos estudantes, ministrando aulas de artes na Escola Municipal Maria do Rosário (Anos

Finalis) – Localizada em Magalhães de Almeida – MA, e observar as consequências que afetarão a vida dos alunos pelos próximos anos. O tema envolve questões diversas, desde as mudanças que as ferramentas tecnológicas trazem para a sociedade e os desafios e reflexões sobre a saúde mental dos alunos.

A princípio os primeiros olhares que se apresentam em grande maioria tímidos, a resposta aos estímulos para o desenvolvimento de comunicação aconteceram após muitos encontros. As apresentações iniciais acontecem e o terreno vai se tornando mais familiar com o passar do tempo, as potencialidades e fragilidades também se mostram no decorrer das aulas.

Durante as reuniões de professores com a direção da escola dois assuntos são corriqueiros: a dificuldade dos alunos de acompanhar os conteúdos de cada disciplina, as crises de ansiedade e outros problemas emocionais enfrentados pelos estudantes. São constantes as crises motivadas pela saúde mental debilitada.

O desafio agora é como vencer as adversidades e garantir que a retomada após o distanciamento social seja inspiradora e consiga fazer com que os alunos encontrem sentido nos estudos e consigam alcançar o aprendizado. A tarefa de guiar os alunos em um momento como esse, requer novos cuidados na dinâmica professor e aluno, é preciso mais atenção nas falas e atitudes dos alunos. Pensando nisso, a escola começa a buscar atendimentos de profissionais da saúde, algumas palestras são realizadas para esclarecer dúvidas sobre saúde mental. Psicólogos são solicitados, uma lista de cuidados começa a ser pensada para evitar que o problema se torne ainda mais preocupante.

Entre as aulas que ministrei foram discutidos os temas: processos criativos em dança, teatro, história da arte, o corpo do ator, artes visuais no teatro e a história da performance. Em todas as aulas os alunos comentam o que acham de cada conteúdo apresentado, compartilhando suas impressões e revelando o que cada assunto acaba suscitando neles. É possível observar então como esses exercícios enriquecem o repertório cultural de cada um.

4.2. FAZER - CONTEXTUALIZAR

Refletindo sobre Aprendizagem, Arte e Invenção – Virgínia Kastrup

Inspirada pela obra do filósofo Deleuze, a escritora Virgínia Kastrup escreve sobre os processos de aprendizagem, no texto intitulado: Aprendizagem, Arte e Invenção, ela

inicia seu texto informando: “A aprendizagem, é sobretudo, invenção de problemas, é experiência de problematização.” Entendemos então que o aprendizado pode surgir da necessidade de explorar o desconhecido, ao questionar e investigar como executar da melhor maneira uma situação nova. Buscando desenvolver bem alguma tarefa, indagando sobre uma situação, podemos sair transformados, aprendendo algo novo e isso nasce do contato com o inesperado.

Para falar sobre o conceito de território no campo da aprendizagem, ela cita a teoria de Deleuze sobre o assunto: “Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é processo que envolve o “perder tempo”, que implica errância e também assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária. O habitante de um território não precisa passar pela representação. O habitar resulta numa corporificação do conhecimento, envolvendo órgãos dos sentidos e também dos músculos. Habito o território onde me sinto em casa, tenho habilidades e realizo movimentos que parecem espontâneos”.

O pensamento reforça a ideia de que corpo e mente se expandem com as experiências, sejam elas coletivas ou independentes, buscando certezas ou apenas sendo levado pela curiosidade, podemos chegar aos detalhes do que já existe e assim ser contemplado com a aquisição do saber ou se deixar afetar sem pressa e experimentar nossa capacidade de inventar.

Para compreender sobre as dinâmicas que surgem com o hábito, ela utiliza algumas considerações sobre o tema: “No caso do hábito, há uma prevalência da sensibilidade sobre a ação concreta; no caso da habilidade, toca-se diretamente na face da solução de problemas que a aprendizagem envolve, pois a habilidade envolve um saber-fazer, uma ação efetiva. O manejo habilidoso é um agir em fluxo, uma lida com as coisas e as situações, uma atividade e uma prática. No entanto, é preciso atentar para o fato de que tanto a invenção de problemas quanto a solução de problemas estão aí presentes”.

A repetição pode ampliar nossa percepção sobre algo, torná-la profunda. O interesse em algum ato pode despertar o hábito e assim multiplicar entendimentos. Não existem regras quando o assunto é aprendizagem, nosso corpo guarda memórias, nem sempre obedece a uma lógica linear, a conquista de um avanço cognitivo pode ser silenciosa e gradativa. A presença constante em uma prática é capaz de fazer acender pensamentos e ações criativas.

Ainda sobre a filosofia de Deleuze ela utiliza o seguinte ensinamento sobre a relação professor-aluno: “Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem: ‘faça comigo’ e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo” (1968/1988, p. 54). A relação ensino- aprendizagem depende de um mestre que não se furte de sua condição de aprendiz, o que é uma questão de política cognitiva.

O plano de sintonia mestre-aprendiz é um campo de criação, uma zona de vizinhança, um espaço híbrido. O mecanismo não é de identificação, mas de contágio e propagação. Não há transmissão de informação, nem interação professor-aluno, mas habitação compartilhada de uma zona de neblina, a zona molecular. Neste campo indiscernível a fronteira entre o professor e o aprendiz se desfaz. O professor não é o centro do processo ensino-aprendizagem. Situado do ponto de vista da arte, ele faz circular afetos funciona como um atrator. Além de um emissor de signos, o professor é um atrator de afetos”.

De acordo com o autor não se deve investir no estímulo que anseia a fabricação de uma cópia, não é sábio seguir uma regra que indica a repetição na hora de fazer algo. Ele orienta escrever uma página em conjunto, incita que o mestre não pode calar sua vontade de aprender, é sempre tempo para descobertas, unir sentimentos e construir uma educação livre que abre portas para extrair aprendizagem. Educar é permitir ao aluno a chance de comunicar seus pensamentos e também ser condutor durante os percursos vivenciados nas práticas educativas.

Para que algo seja produtivo não é necessário que os métodos tradicionais sejam seguidos, mas sim incentivar a ação, a palavra, o gesto, pois é testando que se inventa, alongando caminhos que ultrapassem os padrões educacionais já estabelecidos. Incorporando linguagens podemos frequentar enredos que não limitam as capacidades humanas.

O autor relata que os processos de aprendizagem não podem ser medidos, as conexões que a existência humana é capaz de produzir são vastas. Quantas linguagens nos provocam o desejo de experimentar e conhecer. Tocados pelas invenções humanas, elaboramos sentidos sobre o efeito da realidade que nos rodeia, buscamos soluções, sonhos e transformações. E até o silêncio produz emoções.

Apreciar arte é adentrar o universo inesgotável do experimento que é viver. Subjetividades, estudos, cheiro, as curvas da criação cheia de cores, movimento, descobertas, busca por significados, signos e impulsos cerebrais. Criando viajamos em nossas raízes para entendê-las, brotam interrogações, lugar onde se pode degustar ou abolir comportamentos.

Um instante absorvido pela arte pode resultar em uma experiência que projeta mudanças, os processos de criação ou o mais simples registro artístico é potencialmente fonte de conhecimento. A exibição da experiência do homem traz mensagens híbridas, sua natureza é múltipla, sensorial, revela o poder da presença, evoca caminhos e significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever inspirado no relato de uma experiência como professor de arte é importante para buscar uma motivação presente e viva, percebendo a necessidade de relacionar teoria com acontecimentos reais e suas consequências na vida de quem experimenta desbravar o mundo da arte.

Pensar no autoconhecimento é um dispositivo que liga a mente ao poder criativo. Fazer arte oferece aperfeiçoamento para o desenvolvimento humano, no entanto nem todas as pessoas conseguem de imediato a desinibição para se entregar por completo em algumas atividades. A execução de muitas modalidades artísticas requer uma participação concentrada, um desejo por experimentação e capacidade de se jogar nas investigações do corpo e da mente sem pudor, com relaxamento e sensibilidade.

Para que esse caminho seja percorrido de forma satisfatória é preciso vencer as inseguranças que nos atravessam, expandir nossos horizontes para alcançar uma participação que desperte nossas potencialidades. É fundamental abandonar o sentimento de inadequação, durante nossa vida estamos sempre sentindo e vivenciando momentos diversos, que podem ser agradáveis, complexos, ruins, uma lista infinita de sensações. Sendo assim, nem sempre estamos cheios de coragem e seguindo firme na busca de nossos interesses, a jornada humana também pode nos deixar esgotados e vulneráveis.

Nunca estamos completamente preparados para todas as etapas da vida, com uma atividade artística não seria diferente, os estudos e práticas nos possibilitam aprimoramento, mas diante do fluir da existência onde aparecem surpresas inesperadas, podemos tornar nossas intenções e olhares dispersos, e muitas vezes o processo se torna confuso e desafiador.

Não se pode deixar de observar a inconstância da vida sem ter um olhar humano e atencioso. O que nos afeta deve ser visto como oportunidade de crescimento em algum campo, nem sempre resulta em uma execução artística genial, mas é buscando aceitar e superar uma fraqueza, que avançamos mais potentes. Rompemos os bloqueios artísticos

quando seguimos acreditando na arte como caminho para alcançar sensatez, expressando nosso entendimento sobre o mundo e nós mesmos.

São infinitas as possibilidades, no entanto nem sempre conseguimos mergulhar profundamente no envolvimento artístico, muitas vezes não avançamos do raso e podemos ser invadidos por um sentimento de inferioridade. É preciso estar em um ambiente que nos permita demonstrar quem verdadeiramente somos para não sucumbir optando pelo afastamento e negligenciando nossas esperanças.

Só podemos evoluir quando somos verdadeiros, muitas vezes é tão urgente a necessidade da coragem para confessar que não nos sentimos prontos, quando não sabemos como expressar o que sentimos e silenciar acaba sendo a saída nos fazendo perder a chance da troca. A falta de diálogo retarda o mover do nosso corpo e vida. Só comunicando podemos ser acolhidos.

Não é possível afirmar qual o caminho definitivo para criar o melhor cenário para uma educação sem erros, conseguimos investigar e expressar sobre os múltiplos sentidos das descobertas. É nessa busca que procuramos o entendimento sobre a necessidade e o efeito da arte no processo de aprendizagem, comunicando experiências que possam ser bem vividas e produtivas.

O controle absoluto de um método eficiente de educar é algo questionável, as relações interpessoais podem ser simples, mas também enigmáticas, a vivência compartilhada e a troca de informações nem sempre geram uma compreensão imediata. Os desdobramentos podem contribuir para fortalecer a capacidade de se relacionar com o mundo, as peculiaridades de cada indivíduo e assim conquistar a autonomia que a inteligência emocional pode provocar.

É natural que se busque uma resposta que atenda tantos questionamentos sobre qual a didática mais eficaz, no entanto durante essa continua procura se deve tranquilizar a respiração, encontrar os intervalos onde a mente encontra serenidade. A educação avança enquanto reunimos interpretações sobre trabalhos no campos artísticos e educacionais.

Falar sobre as percepções que surgem das experiências pedagógicas resultam em interpretações complexas, quando estudamos sobre o que nasce das relações humanas nos deparamos com uma inúmeras ideias que contribuem para ativar o desenvolvimento cognitivo. É nesse lugar investigativo que habita o prazer da educação: nos fazer pensar. Na apreciação da vida inspirada no saber.

Criamos movimentações, abordamos sobre as narrativas criadas por manifestações de arte, para conhecer cada vez mais suas possibilidades de fornecer aprendizados, pesquisamos a relação vida e arte, questionamos abordagens pedagógicas, queremos o melhor ensino, mas

não é uma tarefa simples encontrar todas as respostas e soluções para sanar as dificuldades do percurso de um processo educacional.

A memória faz seus registros, elaborações íntimas, alguns alunos precisam de mais tempo para compartilhar seus entendimentos, outros conseguem fazer essa apresentação enquanto experimentam o processo de alguma prática. Educar é uma construção, a forma que cada corpo e mente desenvolve suas percepções não são semelhantes, mas a trajetória de cada estudante aponta os resultados conquistados. Ensinar abrange compreensão de cognições, da imaginação criadora que surge de cada ponto de vista.

O projeto de vida é um planejamento provocado pelo interesse de traçar um destino com escolhas sensatas, buscando sabedoria para decisões tomadas no campo emocional e profissional.

Uma investigação pessoal que busca referências educacionais, analisando o repertório dos desejos, dos processos emocionais, entendendo o que motiva a criação de objetivos e ajudando desenvolver competências e habilidades que gerem um processo de aprendizagem e significados na construção de suas identidades.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980.

CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. Pedagogia do Teatro, prática, teoria e trajetórias de formação docente. Natal, Edufrn, 2018.

COLI, Jorge. O que é Arte. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995

CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. (Org.). Pedagogia do teatro: prática, teoria e trajetórias de formação docente. Natal: Edufrn, 2018. 156 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

_____. Pedagogia do oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KASTRUP, Virgínia. Psicologia em Estado. Aprendizagem, Arte e Invenção. Maringá jan/jun. 2001

LILIAN, Bacich, MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Arte, afeto e educação - A sensibilidade na ação pedagógica autora, Zouk, 2 edição revisada, 2022.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2001.